Cultura da cirurgia estética e dominação masculina: uma análise a partir de mulheres jovens do Rio de Janeiro

Liana Carvalho Riscado*

Simone Ouvinha Peres**

Resumo

O aumento e a maior propensão das mulheres às cirurgias estéticas são tributários dos efeitos da incorporação da dominação simbólica. Se as mulheres se mostram particularmente mais inclinadas a realizar cirurgias estéticas, é, sem dúvida, por um lado, como diria Bourdieu, porque elas estão continuamente orientadas em sua prática pela avaliação antecipada do seu corpo pelo outro. O presente estudo realizou uma pesquisa qualitativa com seis mulheres jovens do segmento médio do Rio de Janeiro que realizaram cirurgias estéticas. Encontraram-se efeitos da desigualdade de gênero e a incorporação do julgamento masculino sobre a aparência e beleza do corpo feminino como justificativa para a realização da cirurgia. A prática da cirurgia entre as entrevistadas está ligada à propensão das mulheres de tomarem a visão feminina do próprio corpo a partir da visão masculina, que, nesse caso, produz exigências estéticas cada vez mais inalcançáveis, relativas à preservação da dominação masculina.

Palavras-chave

Corpo. Gênero. Estética.

Abstract

The increasingly higher propensity of women to undergo cosmetic surgeries is attributable to the effects of the incorporation of a symbolic dominance. If women are particularly more inclined to undergo esthetic surgeries, it is undoubtedly, as stated by Bourdieu, because they are continuously directed to act according to the anticipated evaluation of their body by other people. The present study performed a qualitative research with six middle-class young women in Rio de Janeiro, Brazil, who underwent cosmetic surgeries. The effects of gender inequality

* Mestre em Psicossociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro/ Brasil). E-mail: liana.carvalho.124@gmail.com.

** Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro/ Brasil) e professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro/ Brasil). E-mail: ouvinhaperes@uol.com.br.

and the incorporation of the men's judgment on appearance and beauty for the female body are found to justify the reason why they underwent the surgery. The practice of surgery among the respondents are associated with the propensity of women to take the female view of their own body from the male point of view, which, in this case, leads to increasingly more unachievable esthetic demands, related to the maintenance of male dominance.

Keywords

Body. Gender. Esthetics.

Introdução

Neste trabalho pretendemos colocar em questão o crescimento da cirurgia estética, e a propensão cada vez mais ampla de acesso à cirurgia, que estaria alterando de forma diversa padrões anteriores de intervenção no corpo. A prática da cirurgia está supostamente vinculada à hierarquia de gênero, reencenando e preservando a dominação masculina (BOURDIEU, 1999). A possibilidade de intervir estaria cada vez mais presente nas distintas sociedades e no Brasil em particular. A partir do final do século XX e início do século XXI, assistimos, especialmente nos grandes centros urbanos, a uma crescente idolatria do corpo, com ênfase cada vez maior na exibição pública do que antes era escondido e, aparentemente, mais controlado (GOLDENBERG & RAMOS, 2007).

Buscamos neste estudo uma abordagem mais preocupada com a indiscriminada proliferação das cirurgias e com as intervenções no corpo, entendendo que o estudo dessas ações entre mulheres jovens poderia contribuir para esclarecer não só as razões da mudança do acesso ampliado, mas também os problemas dessa tendência cada vez mais forte. A incorporação da problemática do “culto ao corpo” no contexto da presente pesquisa visa trazer uma contribuição para, através de um estudo de natureza mais empírica e, assim, com um caráter mais qualitativo, articular uma melhor compreensão do fenômeno na época atual tal qual é vivenciado por um grupo particular de mulheres, de forma que este trabalho possa se somar a outros sobre o crescimento das intervenções sobre o corpo da mulher.

Para uma primeira aproximação exploratória com a problemática anteriormente mencionada, importou-nos investigar, num contexto empírico

específico, a crescente obsessão com a “perfeição” do corpo e a aceitação naturalizada das intervenções cirúrgicas investigando o significado da cirurgia estética em mulheres jovens (IPEA, 2008) de classe média (PNAD, 2008) moradoras do Rio de Janeiro inseridas em ocupações voltadas para o corpo. Trata-se aqui de uma seleção, certamente não representativa do fenômeno estudado, que visa buscar alguns fios condutores para promover uma reflexão sobre a temática em questão. No nosso caso, a preocupação foi relacionar o debate mais abrangente sobre o tema a partir de um estudo circunscrito ao universo de mulheres entrevistadas para a pesquisa.

A questão das diferenças de gênero é um ponto muito relevante no presente trabalho. Pretendeu-se identificar se existe relação, ou não, na concepção das mulheres pesquisadas, entre deveres da mulher e cuidado com a aparência e a estética; até que ponto o apelo para uma cirurgia estética é uma diferenciação de gênero, se é uma obrigação maior da mulher ser “bela”, ou seja, se uma maior propensão à cirurgia permanece, ou não, tributária das relações desiguais de gênero. A questão de gênero é percebida, então, como muito relevante. Em todos os casos, a preocupação é vincular tais questões à adesão das mulheres às cirurgias, procurando articular a problemática do gênero.

O fato de serem mulheres moradoras do Rio de Janeiro e jovens é fator imprescindível, pois essa cidade brasileira aponta um dos maiores índices de cirurgias e, supomos, uma grande preocupação com o corpo (EDMONDS, 2007). Já a escolha do fato de serem jovens se faz necessária em razão de ser a intenção do estudo investigar o aumento da cirurgia estética de forma cada vez mais precoce na vida das mulheres jovens, e não por preocupação com o envelhecimento. Esse processo seria uma preocupação com o “culto” ao corpo, a busca por um corpo “perfeito”, antes mesmo que as ditas “marcas” da idade possam aparecer. Nessa direção a escolha também foi por cirurgias não faciais, pois, em mulheres mais jovens, a preocupação em relação às “marcas da idade” na face e no corpo é menor do que em mulheres mais velhas. Além disso, interessa-nos investigar as mudanças de pensamento que estão ocorrendo na sociedade, como a aceitação da cirurgia estética até mesmo entre mulheres sem alto poder aquisitivo. E é na camada jovem que podemos notar de forma mais acentuada as mudanças de pensamento.

Não temos a intenção de abordar a ampla gama de questões que envolvem a problemática do aumento do acesso das mulheres às intervenções médicas, mas dar visibilidade às possíveis variações a partir dos casos analisados. Antes,

porém, algumas observações iniciais se fazem necessárias para o presente estudo.

Observa-se que o movimento feminista permitiu uma liberação do corpo feminino, no sentido de que a mulher adquiriu certa soberania sobre seu corpo no que se refere à liberdade sexual e contraceção. Porém, tal liberdade é questionável no tocante à estética. A mulher, na realidade, é aprisionada a modelos estéticos propagados pela sociedade e tem uma falsa ilusão de liberdade com relação a seu corpo, aderindo a intervenções estéticas, inclusive cirúrgicas. O “culto ao corpo” associado à questão de gênero é abordado salientando-se que as disciplinas e normas estéticas envolvendo o corpo feminino são opressões de gênero que as próprias mulheres exercem por si mesmas. Trata-se de um debate atual que articula as temáticas da fabricação dos corpos, da estética e do gênero, pois os homens também estão envolvidos nesse campo, através da ingestão de anabolizantes, das próteses penianas, dentre outros artefatos disponíveis para a modelação dos corpos masculinos conforme os ditames de sensualidade, virilidade e beleza vigentes. A intensa preocupação com a estética torna, entre outras questões, a problemática do corpo muito relevante para o feminismo atual.

O gênero, a construção social do corpo e as transformações do padrão estético

A forma como o corpo é concebido num determinado momento histórico e de acordo com um dado contexto expressa aspectos fundamentais das relações de gênero. Do mesmo modo, além das mudanças mencionadas em relação ao corpo, é preciso ressaltar de modo particular a diferenciação de gênero convencionalizada a partir da hierarquização dos dois sexos como elementos que produzem representações e práticas diante do corpo. Como mostra Bourdieu (1999), o trabalho de transformação dos corpos se distingue de acordo com o gênero, com as disposições, com o *habitus* definido como sistema de disposições corpóreas, da maneira de ser e se apresentar em relação ao corpo que nos permite antever distinções para as quais o gênero é relevante. Em outras palavras, trata-se aqui de postular a importância do uso de um marco teórico como o gênero com vistas a iluminar o significado atribuído pelos nossos sujeitos à cirurgia estética. Salientamos que, no presente estudo, a discussão sobre as intervenções cirúrgicas, através da

categoria gênero, vem iluminar, como ensina Bourdieu, todo o trabalho de transformação dos corpos através da construção simbólica, na medida em que “É através do adestramento dos corpos que se impõem as disposições mais fundamentais, as que tornam ao mesmo tempo inclinados e aptos a entrar nos jogos sociais...” envolvendo a postura, a hexis corporal que as mulheres são obrigadas a manter. Assim, existem lógicas distintas entre homens e mulheres, no que tange à questão do corpo, de tal maneira que, segundo autores como Bourdieu (1999) e Le Breton (2007a; 2007b), pode-se falar na existência da lógica de gênero nas representações e práticas relacionadas ao corpo.

Na perspectiva de gênero, a origem das diferenças entre as representações do masculino e feminino não está associada a um atavismo biológico, e sim a um arbítrio cultural, sendo, por conseguinte, algo construído (CITELLI, 2001). Nessa direção considera-se que o sexo significa apenas a condição biológica, a diferenciação anatômica entre o masculino e o feminino. Todavia, no conceito de gênero se inclui a dimensão psicológica e social do sexo, ou seja, as características imputadas à masculinidade e à feminilidade e as funções que exercem homens e mulheres em uma determinada sociedade estão incluídas. “O termo convencionalizado significa a dimensão dos atributos culturais alocados a cada um dos sexos em contraste com a dimensão anatomo-fisiológica dos seres humanos” (HEILBORN, 1993:51).

O próprio corpo aprende os comportamentos culturais atribuídos aos homens e às mulheres, como a forma de falar e de andar. Esse ensino é, pois, sexuado. Com efeito, a categoria gênero designa uma maneira particular de homens e mulheres se posicionarem em relação ao corpo, o que torna a questão do gênero extremamente relevante para estudo da cirurgia estética.

A “beleza” feminina representa uma visão predominante de gênero, isso porque a experiência feminina com o corpo está intimamente ligada ao olhar e discurso dos outros, ou seja, a relação com seu corpo está associada com seus efeitos sociais, através de seu charme, de sua sedução, percebidos pelo feedback de seus pais e pares. A posição dominante do homem coloca-o no lugar do protetor que envolve e olha por cima. “[...] o olhar [...] é um poder simbólico cuja eficácia depende da posição relativa daquele que percebe e daquele que é percebido...” (BOURDIEU, 1999:81).

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido (*perçipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo,

e para, o olhar dos outros [...] Em consequência a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva de seu ser [...] princípio de disposições como o desejo de atrair a atenção e de agradar [...] (BOURDIEU, 1999:82).

Existe, por conseguinte, uma estreita relação entre corpo e a sedução feminina, já que o corpo é, de fato, um suporte para a sedução, principalmente a da mulher, que tende a ficar comprometida com um corpo “feio” numa cultura que valoriza o “belo”. O corpo das mulheres sempre foi seu principal e inalienável recurso ao longo da história: “O corpo de uma mulher e sua eventual beleza sempre constituíram um capital fundamental, explorado no mercado do casamento ou no mercado do sexo comercial” (MATTHEWS-GRIECO, 2008:268). É nessa direção que a literatura sobre o corpo a partir da perspectiva de gênero aponta a importância de se estudar como as mulheres brasileiras se relacionam com o corpo num contexto onde as relações de poder se reproduzem em nível corpóreo (BOURDIEU, 1999).

O corpo se emancipou de muitas de suas repressões, mas na atualidade está fortemente submetido a novas coerções estéticas. Pode-se perceber o poder da normalização dos modelos através da obsessão com a beleza, em especial entre as mulheres. Nessa direção o que acontece é que “[...] um desejo maior de conformidade estética que se choca com o ideal individualista e sua exigência de singularização dos sujeitos” (GOLDENBERG, 2005:96). A medicina estética apresenta-se como uma das formas mais recentes de controle e de medicalização do corpo da mulher, e as práticas estéticas na contemporaneidade são controladas através principalmente de disciplinas envolvendo dietas, maquiagens, vestuário. Como salienta Bordo (1997), tais disciplinas e normas envolvendo o corpo feminino, opressões de gênero que as próprias mulheres exercem por si mesmas, têm que ser reconhecidas como uma estratégia durável e flexível de controle social. O corpo exerce, então, um importante papel na simbolização e reprodução do gênero.

Embora o “culto ao corpo perfeito” esteja crescente entre os homens, e estes também sofram para corresponder a um ideal de “ser homem” que está associado a um corpo musculoso (GOLDENBERG, 2006), a mulher é visivelmente mais atingida pela “ditadura da beleza”. Esta é culturalmente imposta com maior profusão entre as mulheres, pois é prioritariamente feminino o cuidado com a perfeição estética. “Essa incorporação do olhar masculino na fabricação do corpo feminino assinala a mediação do corpo na modelagem das identidades sexuais” (MALYSSE, 1998:16).

O corpo vivido das mulheres parece ser forjado pelo corpo percebido, olhado, desejado e julgado socialmente pelos homens. Através dessa ideia, torna-se possível compreender a passagem de um culto ao corpo feminino a um culto feminino ao corpo [...] (MALYSSE, 1998:17).

As revistas brasileiras direcionadas ao público feminino incentivam suas leitoras a modificar seu corpo por meio de diversas atividades físicas e dietas para que se possa adquirir um físico semelhante ao das modelos apresentadas nas revistas. Estas apresentam o corpo dentro do padrão de beleza vigente e suscitam a vergonha dos corpos que não correspondem a tal padrão.

Na verdade, trata-se de um discurso autoritário sobre a beleza feminina, que se apoia no fato de as mulheres serem, tradicionalmente, submetidas a um imperativo de sedução do “sexo oposto”, imperativo este fundado sobre aparência entendida como beleza física e juventude. O feminino é associado a uma dimensão estética da aparência, que se torna a dimensão essencial” (MALYSSE, 1998:14).

O caso da beleza e da cirurgia estética: panorama internacional

Gilman (1999) aponta a origem da cirurgia estética na epidemia da sífilis do século XVI, quando as técnicas de enxerto de pele para reparação do nariz dos doentes foram inventadas. No século XIX, no entanto, foram inventadas técnicas para modificar características raciais que eram estigmatizadas. O referido autor aponta a motivação da cirurgia estética como uma tentativa de normatização, isto é, de se ajustar às normas. No entanto, como aponta Edmonds (2007), no caso da cirurgia estética na atualidade, podemos apontar o desejo de destacar-se, de atingir a perfeição, algo que podemos notar na presente pesquisa na fala das entrevistadas. Esse autor aponta a busca de uma “normalidade melhorada” ou, em alguns casos, de perfeição por meio da maior aproximação das normas estéticas.

Nos Estados Unidos, os cirurgiões plásticos, inicialmente, mantiveram-se distantes das operações cosméticas ou embelezadoras, argumentando que a especialidade deveria estar voltada para procedimentos reconstrutores. A ideia de que a aparência e a autoestima estão essencialmente ligadas, no início do século XX, foi que permitiu uma aceitação da cirurgia plástica estética. O movimento feminista da década de 1970 acreditava numa

incompatibilidade entre realização profissional e preocupação com a beleza. Todavia, o crescimento das indústrias de embelezamento indica que a beleza permaneceu como foco da atenção feminina, embora com certas mudanças. A cirurgia estética é percebida para muitas como uma forma de obter sucesso, principalmente em determinadas carreiras, como de atriz e modelo (EDMONDS, 2007).

Edmonds (2007) defende que é provável que o impressionante crescimento recente da cirurgia plástica esteja associado não só à maior competição profissional, que impõe às mulheres, em especial, exigências crescentes no consumo de produtos e serviços de beleza, como também à proporção crescente de mulheres inseridas no mercado de trabalho. A independência financeira permite às mulheres maior autonomia para administrar seu dinheiro e gastar sua renda em serviços individuais ao consumidor, inclusive aqueles considerados de luxo, como as cirurgias plásticas.

A indústria da “beleza” e a cirurgia estética no Brasil

A partir da década de 1950, dissemina-se a crença de que a mulher deve ser “bela” e de que a “beleza” não é apenas sorte. Mais do que isso, a crença de que a mulher que não cuida de sua aparência tem algum problema é difundida e as intervenções começam a ser incentivadas, aponta Castro (2005). As imagens penetram cada vez mais na vida das pessoas, multiplicam-se as revistas, aumenta o hábito de ir ao cinema, e a televisão, embora no início tenha sido um artigo de luxo, tem presença crescente nos lares brasileiros. O que ocorre, salienta Berger (2006), é que as questões da “beleza” e do mercado consumidor se atrelam cada vez mais.

Nos anos 1950 também houve um desenvolvimento da economia, o que gerou mais empregos assalariados, inclusive para mulheres, aumentando o consumo feminino, inclusive de produtos de beleza. Os concursos de *misses*, importados da Europa e dos EUA, também aumentam a valorização da “beleza” no Brasil. Não havia ainda uma associação entre beleza e sensualidade ou prazer, mas já existia uma forte associação entre beleza, saúde, juventude e magreza.

É a partir dos anos 1960 que a beleza vai se aproximando do prazer e da sensualidade, não sendo associada apenas às questões médicas e higiênicas. Existe um hedonismo, uma preocupação com o prazer e ao mesmo tempo

um sacrifício em nome da beleza, que passa a ser uma obrigação. Tal obrigação aumenta sensivelmente a partir da década de 1980 com a enorme difusão do consumo de bens e serviços para o cuidado do corpo. As mulheres passam a temer o fato de não saberem ou não poderem usufruir os novos recursos, temem ser julgadas socialmente por não se encaixarem nos padrões de beleza estabelecidos. A cultura da exposição do corpo inviabiliza os antigos disfarces; agora o corpo deve estar naturalmente dentro dos padrões (BERGER, 2006).

A mídia, como já fora mencionado, é uma fonte abundante de material a respeito da beleza, e as revistas brasileiras, femininas em especial, incentivam intervenções. Regularmente, cirurgias estéticas são reportadas na televisão e, nos últimos tempos, têm aparecido várias reportagens em revistas nacionais que colocam como destaque o sucesso de cirurgiões brasileiros. As reportagens mais regulares podem ser encontradas nas numerosas revistas femininas e de beleza, como *Boa Forma*, *Corpo a Corpo* e *Nova*, e ainda nas revistas publicadas no Brasil dedicadas exclusivamente à cirurgia plástica: *Plástica e Beleza*, *Plástica e Você* e *Corpo e Plástica*. As mulheres apresentadas são sempre jovens, brancas, mas, às vezes, bronzeadas, com corpos musculosos e arredondados (EDMONDS, 2007).

As estratégias de pesquisa e o universo do estudo

O universo de estudo em questão é composto por seis mulheres jovens, com idade de 28 a 32 anos, moradoras do Rio de Janeiro, com renda mensal domiciliar de 4.000 a 12.000 reais e inseridas em ocupações profissionais ligadas à nutrição e a atividades em salões de beleza. A pesquisa foi realizada em 2009. Os tipos de cirurgias não faciais dos sujeitos da pesquisa são: plástica no abdômen, implante de prótese de silicone nos seios e lipoaspiração. Foram privilegiadas entrevistas individuais, realizadas a partir de um roteiro semiestruturado, centradas no tema da cirurgia. Com relação ao procedimento adotado, ressalte-se que a entrevista permitiu a apreensão do contexto mais amplo de vida das entrevistadas.

A conformação do grupo estudado foi sendo estabelecida ao longo do trabalho de campo. Utilizou-se para tal a estratégia do tipo “bola de neve”, para localizar os participantes que atendessem ao critério estabelecido pelo estudo – ter realizado ao menos uma cirurgia estética não facial. Por intermédio da primeira entrevistada, que atua em salão de beleza, criou-

se a oportunidade para entrevistar outras mulheres e, embora houvesse a preocupação em abranger mulheres de diferentes inserções profissionais, não foi possível encontrá-las no período disponível para a realização do trabalho de campo. Portanto, os vínculos que unem a maior parte dos sujeitos apontam para a existência de uma rede na qual se sobrepõe o gênero, a idade, a amizade e a ocupação das informantes. Este último elemento – a inserção das entrevistadas em ocupações profissionais voltadas para os cuidados com o corpo – mostrou-se relevante para a pesquisa e foi levado em conta no processo de interpretação dos dados. Enfatiza-se, assim, a constituição de um universo que aponta para um *ethos* compartilhado de valores e práticas frente ao corpo.

Os vínculos que unem a maior parte dos sujeitos apontam para a existência da relação entre eles e o fato de o conhecimento mútuo da realização da cirurgia estética sinalizar para o compartilhamento de condições semelhantes. Há uma sobreposição dessas redes em termos de gênero, idade aproximada, amizade e local de trabalho. O fato de todas estarem inseridas em ocupações profissionais voltadas para os cuidados com o corpo mostrou-se relevante para a pesquisa. O contexto ocupacional foi considerado no processo de interpretação dos dados. Enfatiza-se, assim, a constituição de um universo semelhante de experiências e valores que apontam para um *ethos* compartilhado. Cabe, pois, ressaltar que a pesquisa foi feita num contexto bem demarcado, em razão da ocupação profissional das informantes.

Considerações finais

Os dados nos ajudam a constatar as exigências feitas ao corpo no que tange a um determinado padrão de beleza e que, no caso estudado, a busca por tal padrão pode estar associada à ocupação das entrevistadas. Quando indagamos nossas entrevistadas sobre as razões e os significados das cirurgias, pôde-se constatar que há uma “violência simbólica” que se faz presente através do ponto de vista delas sobre seu corpo, a estética e beleza. Para Bia, uma das informantes, seu corpo e, sobretudo, sua beleza devem estar subordinados ao desejo masculino, e, se seu corpo consegue seduzir um homem, é uma comprovação exemplar de que conseguiu dirigir o “desejo” para o alvo acertado. Por sua vez, a dominação, quando se exerce de um homem sobre outro através de uma mulher, é vista como uma manifestação de superioridade

ainda maior. Compreende-se que, a partir dessa narrativa, o corpo continua subordinado ao ponto de vista masculino e à visão androcêntrica, reforçando as relações desiguais entre os sexos (BOURDIEU, 1999). Nota-se a seguir que nossa entrevistada não deixa de investir nas estratégias de sedução e autovalorização com vistas à manutenção de sua posição de prestígio como alvo de sedução:

Eu sou do tipo que se você estiver com seu marido você vai ficar com raiva, porque ele vai me olhar. O meu marido adora também. Ele nem liga (Bia, 29 anos, colorista de salão de beleza, casada, cinco cirurgias).

Muitas pesquisas como a nossa puseram em evidência a resignação das mulheres em aceitar a violência física ou simbólica exercida sobre elas, indo desde a receptividade do olhar em relação à postura e *hexis* corporal, que elas são obrigadas a manter como resultado de um trabalho permanente de socialização do corpo, que passa a funcionar automaticamente, até o que Bourdieu denomina somatização da relação de dominação. Esse autor chama a atenção para a forma como o corpo se exprime e reage a partir do que ele chama de “emoções corporais”, que seriam muito importantes nesse processo de inculcação das regras de dominação (BOURDIEU, 1999).

Nesse processo não se trataria de uma questão de vontade e consciência, porque os mecanismos de dominação se inscrevem no corpo e nas formas de percepção do mundo, a tal ponto que não se pode falar propriamente numa consciência. A forma incorporada, como se pode ver no trecho a seguir, faz com que a dominação e a emoção suscitadas passem a ser vistas como natural. O corpo passa a reagir sob o impacto de uma emoção provocada pelo jugamento ou apreciação desfavorável ou censura. Em suma, as disposições da dominação simbólica vão compreender uma ampla gama de situações nas quais a mulher é objeto de juízo crítico desfavorável a ela.

O corpo, nessa circunstância, reage sob o impacto de uma forte emoção; afinal, desenvolveram-se silenciosamente as estratégias visando ao privilégio masculino e às exigências imanentes da ordem simbólica (BOURDIEU, 1999) e, sem que se note, as mulheres estão dispostas a uma forte disposição de inferioridade:

Quando você não está bem com você, é... não, não... funciona. Sabe, parece que a pessoa tá o tempo olhando pra você, mas num tá. É porque você sabe que tem uma coisa que num tá legal em você, que você acha que o outro também tá achando isso, mas

num tá (...) Às vezes eu era cobrada por isso também... porque a gente muito jovem e a vida sexual... era embaixo (Debi, 32 anos, depiladora de salão de beleza, casada, uma cirurgia).

Muitas vezes, as mulheres escolhem adotar práticas submissas ou ainda gostam dessa dominação (BOURDIEU, 1999). Por desconhecer e não levar em conta a ordem masculina sobre os corpos e a imposição encantada da dominação, a representação subjetiva associada a um determinado padrão estético – quase sempre desfavorável em vista de um padrão ideal – poderá produzir efeitos negativos que passam a constituir a representação subjetiva negativa do próprio corpo. Esse modelo interpõe-se a cada mulher e seu corpo, suscitando nela e nos outros reações de desaprovação e desagrado que poderão favorecer a prática da cirurgia para a transformação estética do corpo:

Ele (marido) falou: “Ah, faz”. Ele falou para eu fazer, ele apoiou (Ana, 28 anos, nutricionista, casada, uma cirurgia).

Ah, conta (aparência), né, quem gosta de pessoa feia? Gente mal cuidada, relaxada... (Carol, 28 anos, colorista de salão de beleza, casada, uma cirurgia).

Não, mas o olhar... me falava mais [...] mas ele falava que não, que era besteira minha. Mas, depois que eu fiz a cirurgia, ele: “É, realmente, valeu a pena” (Debi, 32 anos, depiladora de salão de beleza, casada, uma cirurgia).

Assim, entra a questão da sedução atrelada à aparência da mulher. Embora exista um discurso de algumas mulheres de uma afirmação de independência através da cirurgia, uma vez que são donas de seus corpos e podem não apenas se sustentar como despendar dinheiro num item de luxo (EDMONDS, 2007), o olhar masculino aparece como muito importante. A mulher tem receio de não seduzir os homens. Não é possível falar, então, de uma liberação do corpo da mulher. A própria concepção de autoestima está associada ao ser desejada através do olhar masculino. Portanto, o discurso da autoestima não pode ser separado do imperativo da sedução baseada na beleza feminina. Nessa direção:

Tudo, na gênese do *habitus* feminino e nas condições sociais de sua realização, concorre para fazer da experiência feminina do corpo o limite da experiência universal do corpo-para-o-outro,

incessantemente exposto à objetivação esperada pelo olhar e pelo discurso dos outros [...] (BOURDIEU, 1999:79).

As mulheres entrevistadas preconizam cirurgias para reparar imperfeições apoiadas numa justificativa simbólica que naturaliza a prática da cirurgia para atingir um modelo imposto, impedir sofrimentos, insatisfações, melhorar a autoestima e a autoimagem. A realização da cirurgia para “elas mesmas” é deslocada para o se sentir desejada e, nesse sentido, o olhar dos homens é uma importante referência para as mulheres que pretendem transformar seus corpos através da cirurgia estética.

A obrigatoriedade do “culto ao corpo” pode ser considerada num contexto marcado por meios tecnológicos e estéticos para atingir um dos principais modelos vigentes do “corpo ideal” cada vez mais presente na sociedade atual, que é representado pelo corpo magro e bem modelado. Há um discurso das mulheres entrevistadas em favor das cirurgias estéticas para se atingir o “ideal de beleza” e que traz consigo a ideia de condenação daquelas que não praticam atitudes em prol do “corpo ideal” e de reprovação da falta de cuidado e dedicação às atividades de transformação do corpo.

Alguns elementos gerais representam um denominador comum entre os casos analisados. Reconhecemos a existência, entre as entrevistadas, de um tipo particular de jovem com inserção profissional em salão de beleza da zona sul do Rio Janeiro e de uma nutricionista. A ocupação de nossas entrevistadas e o ambiente de trabalho parecem contribuir de forma decisiva para a maior tendência à prática da cirurgia estética. Pode-se dizer que o corpo modificado através da cirurgia estética passa a ser visto como um signo distintivo nesses ambientes. A cirurgia estética tem o efeito de consagrar as diferenças entre os grupos sociais. Daí a importância de se considerar a ocupação das informantes. A valorização da estética, o corpo bem tratado é um valor que distingue aquele que consegue alcançar certo padrão daquele que não consegue ou não poderia. O exercício de uma ocupação profissional ligada à saúde e à estética implica maior rigidez em relação ao uso do corpo. Instala-se desse modo uma necessidade, uma estratégia entre as mulheres que buscam responder ao padrão de cuidados e de beleza de excelência esperado delas nas suas ocupações. Portanto, para levar adiante seus projetos profissionais e garantir o emprego, as mulheres devem dispor de condições para, entre outros, realizar cirurgias estéticas. A tendência à cirurgia observada aponta para o crescimento dos casos e indica a necessidade de

futuras pesquisas voltadas para os nexos entre a prática da cirurgia estética e a ocupação profissional.

Por fim, como destaca Edmonds (2007), a cirurgia estética ainda é considerada um terreno principalmente feminino; marcado por característica individualista de autoaperfeiçoamento, além de ser uma busca solitária e uma atividade em que o corpo é “trabalhado” pelas mãos de outro. Trata-se, como salienta o referido autor, ao mesmo tempo de um procedimento médico de alta tecnologia, serviço de luxo ao consumidor e promessa de transformação psicológica. A inserção das mulheres no mercado de trabalho, a maior competição profissional, a exigência da boa aparência, principalmente para mulheres, o desenvolvimento de toda uma indústria da beleza, a tecnologia que permite cada vez mais intervenções, modelações e a associação entre beleza e autoestima com um forte discurso psicológico são fatores que estão, num sentido mais amplo, associados ao crescimento da cirurgia estética no mundo. Um dos mecanismos da popularização da cirurgia estética no Brasil foi o desenvolvimento de novas possibilidades de financiamento da operação, com consórcios, planos de cirurgias e hospitais públicos fazendo o procedimento a um preço bem mais barato.

A cirurgia estética é uma incorporação do padrão estético de uma forma medicalizada. Tal fato se apresenta como um dado mais recente, levando-se conta que a preocupação com o corpo e a estética sempre existiu. A novidade é a capacidade na atualidade de uma constante transformação. Como aponta Goldenberg (2005), é notável o paradoxo que o “culto ao corpo” produz na nossa sociedade. Isso, pois, ao mesmo tempo em que impõe o ideal de autonomia individual, aumenta a exigência de conformidade com os modelos de beleza. O corpo se emancipou de muitas de suas repressões, mas na atualidade está fortemente submetido a novas coerções estéticas. Pode-se perceber o poder da normalização dos modelos através da obsessão com a beleza, em especial entre as mulheres. Para finalizar, esperamos que esta pesquisa seja útil como reflexão no sentido de aperfeiçoar a compreensão sobre as concepções que estão em jogo nos estudos sobre o corpo, reiterando a importância de uma perspectiva interdisciplinar para analisar o crescimento da cirurgia estética e sua maior propensão entre mulheres jovens.

Referências

- APFELBAUM, Érica
(2009) “Dominação”. In: HIRATA, Helena *et al.* (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, p.76-79.
- BERGER, Mirela
(2006) *O corpo e a identidade feminina*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia. São Paulo, Universidade de São Paulo.
- BORDO, Susan
(1997) “O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault”. In: JAGGAR, Alison & BORDO, Susan (Orgs.). *Gênero, corpo e conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p. 19-41.
- BOURDIEU, Pierre
(2002) *Entrevistado por Maria Andréa Loyola*. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- (1999) *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CASTRO, Ana Lúcia
(2005) “Culto ao corpo: identidades e estilos de vida”. In: BUENO, Maria Lucia & CASTRO, Ana Lucia de (Orgs.). *Corpo, território da cultura*. São Paulo: Annablume, p. 135-151.
- CITELI, Maria Teresa
(2001) “Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, nº. 1, p. 131-145.
- EDMONDS, Alexander
(2007) “No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro”. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, p.189-261.
- FALQUET, Jules France
(2009) “Lesbianismo”. In: HIRATA, Helena *et al.* (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora Unesp. p 122-128.
- GILMAN, Sander
(1999) *Making the body beautiful: a cultural history of aesthetic surgery*. Princeton: Princeton University Press.
- GOLDENBERG, Mirian
(2007) *O corpo como capital. Estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira* (Org.). São Paulo: Estação das Letras e Cores editora.
- (2006) “O discurso sobre o sexo: diferenças de gênero na juventude”. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de & EUGENIO, Fernanda (Orgs.). *Culturas jovens. Novos mapas de afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 25-41.
- (2005) “Dominação masculina e saúde: usos do corpo em jovens das camadas médias urbanas”. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 10, nº. 1, p. 91-96.
- GOLDENBERG, Mirian & RAMOS, Marcelo Silva
(2007) “A civilização das formas: o corpo como valor”. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, p.19-40.
- HEILBORN, Maria Luiza
(1993) “Gênero e hierarquia. A costela de Adão revisitada”. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 1, nº. 1, p. 50-82.
- HIRATA, Helena *et al.* (Orgs.)
(2009) *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP.
- LE BRETON, David
(2007a). *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes.
- (2007b) *Adeus ao corpo*. Campinas: Papiрус.
- MALYSSE, Stéphanie
(1998) “Em busca do corpo ideal”. *Sexualidade, gênero e sociedade*. IMS/UERJ, Rio de Janeiro, nº. 7 e 8, p. 12-17.

MATTHEWS-GRIECO, Sara F.
(2008) "Corpo e sexualidade na Europa do Antigo Regime". In: VIGARELLO, Georges (Dir.). *História do corpo 1. Da Renascença às luzes*. Petrópolis: Vozes, p. 217-301.

MISKOLLI, Richard
(2009) "A teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização". Dossiê. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº. 21, p.150-182.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes
(2008) "Corpo, sexo e subversão: reflexões sobre duas teóricas queer". *Interface (Botucatu)* [on-line], v. 12, nº. 26, p. 499-512. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v12n26/a04.pdf>. Acesso em outubro de 2009.

Sites

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PNAD, 2008. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em junho de 2009.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. IPEA, 2008. Disponível em: www.ipea.gov.br/. Acesso em junho de 2009.

Recebido em

janeiro de 2010

Aprovado em

junho de 2010